

**Prof. Dr. Anderson de Oliveira
Paulo**

Prof. Titular Graduação
(Odontologia) e Pós-Graduação
(Especialização em Endodontia).

Faculdade de Ciências do
Tocantins

A odontologia brasileira está entre as melhores do mundo! Os dentistas brasileiros estão entre os melhores do mundo! Quem nunca ouviu essas afirmações com orgulho? O curso de odontologia da Universidade de São Paulo (USP) ficou na primeira posição em um ranking mundial divulgado em 2017. A USP não é a única instituição de ensino público paulista bem colocada na lista. A Universidade Estadual Paulista (Unesp) ocupava a 4ª posição, seguida pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na 5ª. Na mesma publicação, o curso de medicina da USP foi considerado o décimo melhor do planeta. Essa classificação faz parte do CWUR Ranking by Subject 2017, estudo que ranqueia as dez melhores universidades do planeta por curso, com base no número de pesquisas publicadas em periódicos de prestígio.

O Brasil tem aproximadamente 19% dos dentistas do mundo. Segundo o CFO possuímos mais de 220 mil dentistas, temos uma taxa de odontólogos por habitante muito acima do recomendado, a ONU recomenda que o ideal seria 1 profissional para cada 1.500 habitantes e, possuímos muitas regiões onde essa concentração está em 1 para 500.

Esses dados e informações são fantásticos e animadores. Baseado nisso seria lógico que possuíssemos um atendimento odontológico de primeiro mundo. Mas é essa a nossa realidade? Em 2014, ou seja, há quatro anos atrás o CFO calculava que 20 milhões de brasileiros não tinham acesso a tratamento odontológico. Como podemos ser os melhores, estarmos em um número maior do que o necessário e não conseguirmos possibilitar a nossa população acesso a odontologia?

Existem várias causas para essa discrepância e falência, essas razões se concentram primeiro na formação do dentista, depois na dificuldade deste se estabelecer em um mercado altamente competitivo, alta carga tributária, planos de saúde odontológicos com tabelas aviltantes, ineficiência dos gestores e falta de políticas públicas realmente eficazes.

Os alunos dos cursos de odontologia são preparados técnica e cientificamente para realizar os melhores e mais avançados

procedimentos, é verdade, mas não são preparados para administrar consultórios, não tem a mínima noção de administração, pior, não tem estratégia de trabalho.

Recentemente fui procurado por uma aluna de pós-graduação que me perguntou se eu achava que valeria a pena ela comprar a estrutura de uma clínica odontológica montada em sua cidade. Perguntei a ela se havia feito uma avaliação desse investimento? Ela me olhou intrigada, daí eu perguntei: Qual o valor do aluguel? O valor do condomínio? O custo do IPTU? É um local seguro? O acesso é fácil? Qual a razão da venda da clínica? Quando a aluna não soube responder a nenhuma das questões, ficou evidente que seria um negócio de altíssimo risco pois sem o conhecimento das variáveis mais básicas o insucesso é muito provável.

Muitos professores ainda passam a ideia de que o dentista deve cobrar caro e atender a classe A. Em um país que tem a maior parte da população carente, isso é uma incoerência. O resultado disso muitas vezes é o abandono da profissão pelo desencanto e frustração. Pior, isso também leva a uma busca de alternativas fáceis e ilusórias nas quais os profissionais se lançam a um tudo por dinheiro, realizando cursos rápidos de final de semana em áreas que muitas vezes não são o foco principal da saúde bucal ou são explorados em clínicas populares em que recebem honorários irrisórios.

As soluções existem sim, mas não são simples, muito menos rápidas e passam por uma conscientização, comprometimento e união de toda a categoria. Tudo isso capitaneado por professores e dirigentes de classe, caso contrário iremos nos perpetuar como o país dos desdentados.